

Clarice Lispector: trajetórias de uma escritura

Cristina Maria da Silva
Bruno Duarte Nascimento
UFC

Resumo: Através da singularidade uma trajetória, olhamos a vida e a obra de Clarice Lispector. Tomando a noção de trajetória (Kofes) vendo o que atravessa uma vida, buscamos permear a escritura (Barthes) e sua agonística (Foucault) diante da vida e do texto. Se para ela o resultado fatal de viver é o ato de escrever, quais as implicações disso para o seu processo criativo-literário? Desde *Perto do Coração Selvagem* o traço biográfico já marcava o substrato de sua literatura. Seguimos uma trajetória, (as mobilidades, alteridades e alterações) de uma escritura, deixando rastros diante dos cânones. Perto de seu *Coração Selvagem*, encontramos as rasuras de sua condição feminina e humana, diante dos lugares sociais que lhe impõem como mulher e escritora.

Palavras chaves: Trajetória; Escritura; Narrativas

Abstract: *The aim of this paper is to reflect about the traces of Clarice Lispector through this life and her writings. We work with the notions of trajectory (Kofes), écriture (Barthes) and agonistic (Foucault) to think about the implication between the life and her texts. This life is to write, but what are the implications of it in her creative literary process? The biography traces signaled the substract of her literary narratives. So, we try to follow her trajectory like a dynamic process of mobility's, the counterpoints of alterities and changings of her life and of her narratives. We find traces of her subversions in face of social places like a woman and like a writer.*

Keywords: *Trajectory; Écriture; Narratives.*

Não é autobiográfico, vocês não sabem nada de mim. Nunca te disse e nunca te direi quem sou. Eu sou vós mesmos. (Clarice Lispector, 1999a, p. 21).

Através da singularidade de uma trajetória, pretendemos olhar a vida e a obra de Clarice Lispector. Em sua escritura ela lê o mundo e descobre a si mesma. Seus escritos desvelam seus trajetetos, não como um reflexo ou reprodução de uma vida, mas pelo seu avesso, pela transfiguração da vida na escritura literária. Em sua trajetória, buscamos nas inscrições que ela deixa suas posições, a maneira como ocupa e constrói suas práticas como mulher e escritora. Seguindo os seus trajetetos

percebemos como a escritora constitui o seu mundo, assim, saímos do lugar do sujeito e situamos “acontecimentos biográficos em alocações e deslocamentos no espaço social.” (KOFES, 2001, p.24).

Assumimos a crítica aos binarismos, indivíduo, sociedade, como totalidades coerentes, pessoa, personagem, ciência e narratividade, bem como *tal autor, tal obra*. As agências e as potencialidades do texto são múltiplas, e estas não se deixam prender nem pelas teias do discurso crítico literário e nem mesmo pelas seduções da sociologia da literatura. Tomando a “intenção biográfica” como um exercício etnográfico. (KOFES, 2001, p. 13). Reconhecemos nos rastros de Clarice Lispector as marcas dos espaços sociais de suas origens, suas inquietações como imigrante, esposa, mãe e escritora. Sua escrita desvela faces de sua trajetória, toca em traumas que compõem sua subjetividade, forçada ao deslocamento. Tomamos como referência que é necessário: “cartografar minimamente, através de um saber indicial, qual uma decifradora de crimes, mapeamentos com as marcas do rastejamento da mulher/animal-estar, constelados de sangue, dor, sofrimento, numa escrita do mal que convoca para a realidade sem triunfos.” (SOUSA, 2008, p.169).

Tomando a noção de trajetória como o que atravessa uma vida, buscamos permear a escritura de Clarice Lispector, segundo Roland Barthes, e sua agonística (a vida como uma obra de arte ou arte da luta, aqui pensando em Michel Foucault) diante da vida e do texto. As narrativas, tanto as que a escritora escreveu como contar a sua vida, tornam possíveis, as grafias que compõem a sua trajetória.

Com Foucault aprendemos que aquele que escreve não para de desaparecer no processo da escritura. A escrita é desdobrada, não se trata de procurar o significado do texto naquele que escreve, mas de perceber que o sujeito pode se desamarrar da linguagem, assim, a escrita não é a manifestação ou exaltação seja do escritor ou do gesto de escrever: mas “da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não pára de desaparecer.” (FOUCAULT, 2001, p. 268).

O trabalho a ser feito diante das tessituras das palavras escritas é seguir os rastros das liberdades que despertam na linguagem criada, as falhas que ela torna visível diante da configuração da realidade. Um autor não exerce sua função de modo universal e homogêneo, nem é o “regulador da ficção”, menos ainda nos importa a noção de unidade de uma obra ou de escrita. Acompanhando trajetórias e trajetos de narrativas, deparamo-nos com os rastros de grafias de “textos polissêmicos”, associados por interações múltiplas, fazendo com que a linguagem faça outros arranjos com os signos sociais e culturais. Entretanto,

Não basta, evidentemente, repetir como afirmação vazia que o autor desapareceu. Igualmente, não basta repetir perpetuamente que Deus e o homem estão mortos de uma morte conjunta. O que seria preciso fazer é localizar o espaço assim deixado vago pela desapareição do autor, seguir atentamente a repartição das lacunas e das falhas e espreitar os locais, as funções livres que essa desapareição faz aparecer. (FOUCAULT, 2001, p. 271).

Diante de uma *trajectore* (aquilo que atravessa), seguir os caminhos seguidos por alguém, encontramos outra face da vida, como aponta Suely Kofes: “aquela concebida como mobilidade, alteridade e alteração, a que advém com o nascimento, mas que só se constitui no mundo.” (KOFES, 2004, p. 16). Ainda partindo desta perspectiva: biografia, história de vida ou mesmo trajetórias são indissociáveis de sua narração e também é uma pretensa “etnografia de uma experiência.” (KOFES, 2001, p.123).

Caminhos, percursos, idas e vindas, que fazem do itinerário algo que ultrapassa linearidades e previsibilidades. Narrar a experiência de uma vida, não é uma aventura solar, ou seja, não é somente lançar luzes sobre um trajeto, é reconhecer também que “há sombras, longos silêncios, intervalos obscuros, privacidade indevassada, que terminam por falar do que o tempo faz com a memória de uma vida, vislumbrando apenas o que seria a verdadeira experiência desta vida no tempo.” (KOFES, 2001, p. 22).

No *Autor em Um Sopro de Vida* encontramos: “Extraio meus sentimentos e palavras da minha noite absoluta.” (LISPECTOR, 1999a, p. 32). Um pouco mais a frente ele diz: “Mas o que eu queria era trazer à tona de mim a própria e rica escuridão que seria como petróleo jorrando escuro e espesso e rico.” (LISPECTOR, 1999a, p. 86). No início do livro *Um Sopro de Vida*, ainda não velada nem sob o nome do *Autor* ou de *Ángela*, Clarice diz: “Eu sempre fui e imediatamente não era mais. O dia corre lá fora e há abismos e silêncios em mim. A sobra de minha alma é o corpo. O corpo é a sombra de minha alma. Este livro é a sombra de mim.” (LISPECTOR, 1999a, p. 13). No que diz respeito às obras acessadas para a composição desse texto, privilegiamos três, a saber: *A Descoberta do Mundo* (1999) - Reunião de suas colunas – b, *A Hora da Estrela* (1998), e *Um Sopro de Vida* (1999). Com relação ao lastro biográfico adotado, dialogamos com *Clarice, uma biografia* (2011), de Benjamin Moser.

Clarice, uma biografia?

Clarice Lispector desde criança “antes de aprender a ler e a escrever já fabulava.” (MOSER, 2011, p. 104). *Perto de seu Coração Selvagem*, encontramos as resistências não apenas de sua

condição feminina, mas, além disso, de sua condição humana, de suas rasuras diante da realidade social e dos lugares que lhe impõem como mulher e escritora. Suas inquietações podem se configurar em seus escritos, mas também em suas angústias diante da solidão do casamento, da distância de suas irmãs nas cartas que escrevia, como no cenário profissional. De sua escritura exalam suas resistências diante da vida e na escrita, fugindo do policiamento do pensamento e da ordem, daquilo que traz “singularidades selvagens”, que potencializam as experiências, mas trazem antes uma experiência do fora.

“Não ter nascido bicho parece ser uma de minhas secretas nostalgias.” Revela Clarice no texto “Bichos” em *A Descoberta do Mundo*. Ela continua: “Eles às vezes clamam do longe de muitas gerações e eu não posso responder senão ficando desassossegada. É o chamado.” (LISPECTOR, 1999a, p.337). “Se eu pudesse ter escolhido queria ter nascido cavalo.” (LISPECTOR apud MOSER, 2011). Cães, gatos, galinhas, peixes, aparecem também em seus textos, fazendo com que suas “próprias recordações de infância” sejam inseparáveis das “lembranças dos animais.” (MOSER, 2011, p. 564). Em *A Paixão Segundo G. H* vemos o encontro da personagem com uma barata, todas essas alusões parecem remontar um desejo da origem, trazer à tona uma paisagem interior a ser revelada, sobretudo, para si mesma. Em algumas de as correspondências a escritora afirma: “As pessoas (...) me olham como se eu tivesse vindo direto do Jardim Zoológico. (...) Concordo inteiramente.” (LISPECTOR, 2011, p. 107).

Esse lado selvagem permanece na escritora, revelando inquietudes interiores, grafando-as como literatura nas encenações de seus personagens. Clarice esboça a intrínseca relação entre viver, ser e o ato de escrever e como seu itinerário de vida é atravessando por “três experiências”:

Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos. (...)as três coisas são tão importantes que minha vida é curta para tanto. Tenho que me apressar, o tempo urge. (...) Uma das vocações era escrever. E não sei por quê, foi esta que eu segui. Talvez porque para as outras vocações eu precisaria de um longo aprendizado, enquanto que para escrever o aprendizado é a própria vida se vivendo em nós e a o redor de nós. (...)Adestrei-me desde os sete anos de idade para que um dia eu tivesse a língua em meu poder. E no entanto cada vez que eu vou escrever é como se fosse a primeira vez. (LISPECTOR, 1999b p. 101).

Além desse lado selvagem, é constante em seus escritos a relação do ato de escrever com a loucura, ou seus sinônimos, “doideira”, “noite absoluta”, “violência subterrânea”. Michel Foucault já nos esclareceu que existem relações muito próximas entre a literatura e a loucura. A

literatura é sempre o risco corrido, assumido e o comprometimento de cada palavra e frase diante do código da língua. Literatura e loucura trazem o desmoronamento da linguagem, porém se a loucura é o desmoronamento total a linguagem literária é manifestação desse desmoronamento.

O *Autor* em *Um Sopro de Vida* diz: “Viver é uma espécie de loucura que a morte faz.” Em outro momento “Refugiei-me na doideira porque a razão não me bastava.” Ângela também revela: “Por medo da loucura, renunciei à verdade.” (LISPECTOR, 1999a, p. 13; 141; 45).

A loucura pode vir de todos os lados, tanto do *Autor*, quanto de sua personagem, tanto ficando num território protegido e racional, como refugiado na irracionalidade. *Ângela* diz: “Escrever pode deixar a pessoa louca. Ela tem que levar uma vida pacata, bem acomodada, bem burguesa. Senão a loucura vem. É perigoso. É preciso calar a boca e nada contar sobre o que se sabe e o que se sabe é tanto, e é tão glorioso.” A loucura da escrita pode fazer submergir o que se sabe e nada pode incomodar mais do que deixar falar: paradoxos. Para *Ângela*: “a diferença entre o doido e o não-doido é que o não doido não diz nem faz as coisas que pensa. Será que a polícia me pega? Me pega porque existo?” (LISPECTOR, 1999a, p. 55).

Como bem afirmou Michel Maffesoli, citando Roland Barthes em sua leitura sobre Sade: “a mais profunda das subversões não consiste obrigatoriamente em dizer aquilo que choca a opinião, a lei ou a polícia, mas em inventar um discurso paradoxal.” (MAFFESOLI, 1998, p. 14). Nas palavras de Barthes, o paradoxo nasce da escritura, dessa arte da luta que ela trava diante da linguagem e de suas classificações opressivas e fascistas.

Paradoxo: essa gratuidade da escritura (que aproxima, pela fruição, à da morte), o escritor cala-a: ele se contrai, exercita os músculos, nega a deriva, recalca a fruição: são pouquíssimos os que combatem *ao mesmo tempo* a repressão ideológica e a repressão libidinal (aquela, naturalmente, que o intelectual faz pesar sobre si mesmo: sobre sua própria linguagem). (BARTHES, 2010, p. 44).

A literatura ao mesmo tempo em que força o rompimento com a obra só existe como obra. Não rompe como a loucura os limites instaurados pela razão, mas está sempre à beira do abismo por ser experiência trágica, transgressora e subversiva. “loucura é perfeição. é como enxergar. Ver é pura loucura do corpo”. (LISPECTOR, 1999a, p. 57).

A transgressão não destrói completamente o limite e nem o movimento da transgressão pode ser totalmente abolido. A literatura nos coloca diante de um saber a mais, como fratura, dispersão, um saber que faz submergir um uivo, as sensações, os sinais e os rastros. Na literatura de Clarice ela volta ao que nos faz pensar ou em suas palavras ao “pré-pensamento”, um pensamento desnorteador passa pelo pré-pensar, pela violência subterrânea que impele e escrever

selvagemmente, pela fugacidade e pelas sensações. Seu livro *Um Sopro de Vida* tem como subtítulo: *pulsações*. O *Autor* ressalta:

Este livro não é fácil, mas é fácil apenas para aqueles que acreditam no mistério. Ao escrevê-lo não me conheço, eu me esqueço de mim. Eu que apareço neste livro não sou eu. (...) Tirei deste livro apenas o que me interessava – deixei de lado minha história e a história de Ângela. O que me importa são instantâneos fotográficos das sensações. (LISPECTOR, 1999a, p. 21).

Uma imaginação que antecede a realidade é o que impele a escrever e norteia a escritura. O pré-pensar é preto e branco, não é racional, sua sensação é “agônica.” (LISPECTOR, 1999a, p.18). O pensamento tem cores outras, é passado imediato do instante, está ligado ao mudo inconsciente. Desse pré-pensar saem inconsciências, alteridades e sensações, contrapontos e contradições. Há uma agonística, entre razão, sensatez e o irracional, o selvagem. São outras cartografias compondo outros territórios o pensar e com o corpo. Como lembra Ilza Matias, pensando em Jacques Derrida, o que se desvela é o subjétel (sub-jectus), aquilo que está embaixo, no caso de uma pintura e que servirá como suporte para uma tela, um painel. No caso de Clarice Lispector o não-nomeado, o insolúvel que se derrama em camadas, que se debate diante da obrigação da língua. O que subjaz vem à tona. Espaços de “transladação”, “transferências.”

De *Ângela* ouvimos: “Viver é um ato que não premeditei. Brotei das trevas. Eu só sou válida para mim mesma. (...) Sou o resultado de ter ouvido uma voz quente no passo e de ter descido do trem quase antes dele parar.” (LISPECTOR, 1999a, p. 55).

Em outro momento: *Ângela* diz: “quando eu me olho de fora para dentro eu sou uma casca de árvore e não a árvore.” (LISPECTOR, 1999a, p. 49). Há algo que subjaz que é posto para fora, experiências interiores, vozes subterrâneas, singularidades selvagens, inconscientes, nuas da moralidade, da razão, da sedentariedade dos costumes. O *Autor* confessa:

Eu e Ângela somos o meu diálogo interior: converso comigo mesmo. Ângela é do meu interior escura: ela porém vem à luz. A tenebrosa escuridão de onde emergo. Escuridão pululante, lava de úmido vulcão em fogo intenso. Escuridão cheia de vermes e borboletas, ratos e estrelas. Eu penso através de hieróglifos (meus). E para viver tenho que constantemente me interpretar... (LISPECTOR, 1999a, p.73-74).

Em Clarice essa subjetividade, ou esses elementos que se compõem de um húmus, de um texto lunar, elaboram-se no:

Entrecruzamento do relato e do musical, do figurativo e do imaterial. O instante do relato e o instante musical aproximam-se e afastam-se da narração mental. A matéria do sujeito cai em dispersão. Isso é assustador, pois se trataria de uma *selvageria* narrativa, uma perda da *doma* narrativa... (SOUSA, 2008, p.179).

Podemos encontrar partes dessa subjetividade em *Um Sopro de Vida*: Na fala de *Ángela*: “A prova de que estou recuperando a saúde mental, é que estou cada minuto mais permissiva: eu me permito mais liberdade e experiências. E aceito o acaso. Anseio pelo o que ainda não experimentei. Maior espaço psíquico. Estou felizmente mais doida.” (LISPECTOR, 1999a, p. 38).

Em outro momento *o Autor* em *Um Sopro de Vida* diz que às vezes é espesso como Beethoven, outras a estranha e leve melodia de Debussy. Ou mesmo que como profissão queria badalar sinos, com vigorosas badaladas em um som mais esplendoroso que Bach. *Ángela*, sua personagem, já afirma: “quando eu escrevo, misturo uma tinta na outra, e nasce uma nova cor.” (LISPECTOR, 1999a, p. 73; 79; 95). Contudo, *Ángela* é ainda teatral, performática: “Eu sou uma “atriz”, apareço, digo o que sei e saio do palco.” (LISPECTOR, 1999a, p. 68). Encontramos assim no relato, na escrita a busca de um timbre, de uma sonoridade da letra para figurar o impalpável.

A escrita de Clarice Lispector grafa em suas narrativas experiências sensíveis, o avesso dos signos, uma redistribuição dos enredos, dos gêneros literários e de suas configurações entre ser autor e personagem. Os lugares do feminino e da mulher são redimensionados, pois esta imprime seus sinais redescobrimo seu lado selvagem. Como escritora Clarice Lispector está à deriva, é necessária ao sentido do texto e ao combate que nele se trava, mas já não tem lugar ou sentido fixo, como pensou Barthes (2010). Suas performances na linguagem nos inspira pensar nas diversas grafias que podem imprimir uma trajetória e as narrativas de uma vida: pela letra, pela imagem, pelo som, pelos jogos de linguagens e poéticas entre autores e personagens, que nos desvelam rastros de irracionalidade, de imaginações, de rastros e restos que compõem o existir.

Quando se abre para nós a indagação: Quem é Clarice Lispector? Abrem-se outras indagações? Como rastrear uma vida? Como seguir quem deseja estar em fuga? Compreender uma vida é antes de tudo acompanhar trajetórias nem sempre ditas, às vezes gestuais, silenciosas, camufladas nos jogos da existência, na perda e na fuga.

Suas narrativas são cercadas pelos rastros de vida interiores, pelo rastejar de um lado selvagem que tende a suportar a dor e o sofrimento exprimindo-os em sensações e desejos.

Em *Ao Correr da Máquina*, em *A Descoberta do Mundo*, escreveu que não gostava de ser comparada com Virgínia Woolf, pois não podia perdoar o fato de ela ter se suicidado, pois o dever, por mais horrível que seja, é ir até o fim. (LISPECTOR, 1999b). Como Chaya Pinkhasovna Lispector foi até o fim, com um nome que em hebraico significa vida (Chaya) atravessou cidades com a família em fuga da Ucrânia, por conta da perseguição contra aos judeus; foi marcada pela

morte da mãe, pelas angústias e luta pela sobrevivência do pai, nas travessias pela Europa e depois no Nordeste do Brasil, em Maceió e Recife; a resistência e companheirismo das irmãs; Como Clarice Gurgel Valente viveu o casamento, a vida no exterior, a maternidade, a separação, a agonística como mãe e escritora, os cigarros, os remédios para dormir, as inquietações, a inserção profissional, as críticas, as conquistas, os amigos, o incêndio e as queimaduras, o câncer... Até completar seu ciclo de vida aos 57 anos como Chaya, filha de Pinkhas. Segundo Moser:

Depois de uma vida inteira escrevendo sobre ovos e o mistério do nascimento – em *A Hora da Estrela* ela se refere com insistência aos ovários secos de Macabéa, ela própria sofria agora de um incurável câncer no ovário. (MOSER, 2011, p. 647).

Não conhecer-se ou deixar essa questão sempre em aberto, como acontece com as grafias de vida deixadas por Clarice Lispector é, de certo modo, chocar-se com os modelos homogeneizadores, normativos e fixos, tanto para a mulher, como para escritora. Ser estrangeira de si é abrir-se aos trajetos de ser, pensar e agir. Em sua escritura, não é a extensão (lógica) que cativa, nem os desfolhamentos das verdades, mas o “folheado da significância.” (BARTHES, 2010, p. 18).

A Escritura Clariceana

Aproximamo-nos da escritura de Clarice Lispector, o que permeia sua vida e obra. Como escritura, entendemos essa outra realidade, onde há escolha de um tom, de um *ethos*. Nela, o escritor se individualiza com clareza porque se compromete com um estilo (BARTHES, 2006). Lembremo-nos que a própria etimologia da palavra “escrita” nos remete a tal noção: *scribere*, em latim, quer dizer: “traçar, marcar com estilo”. Portanto, deparamo-nos com uma atividade (literária) em que o escritor deixa-se levar pelo inconsciente, produzindo uma linguagem que emerge de suas profundezas míticas pessoais.

Acompanhando os rastros deixados por Clarice Lispector em alguns de seus romances, contos e crônicas, podemos avistar um vocábulo que aparece com recorrência em sua produção literária é o “escrever”, ou o ato de escrever, seja como uma enunciação de um exercício reflexivo em torno de seu processo criativo literário, ou também como uma metáfora do viver. Encontramos, por exemplo: “O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever.” (LISPECTOR, 1999a, p. 16). Em consonância, num outro momento, a escritora transfigurada no narrador-personagem *Rodrigo S. M.* em *A Hora da Estrela* (1998), aponta-nos:

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. (LISPECTOR, 1998, p. 21)

Para Clarice, o “não escrever” simbolizava morrer todos os dias. Consideramos que o viver e o ato de escrever para a escritora se sobrepõem à medida que ela executa seu projeto literário, pondo em crise as fronteiras entre o narrado e o vivido. Desse modo, vemos transposições literárias de experiências pessoais de Clarice Lispector em sua escritura, através dos rastros biográficos. Suas experiências e trajetórias entram como um tema transversal para iluminar o entendimento de seus escritos. Nesse sentido, não é nossa intenção encerrar as leituras sobre a obra da autora na perspectiva biográfica, mas como nos ressalta Nolasco: “no caso específico de Clarice Lispector, desconsiderar a inserção da vida da escritora na construção de sua obra é não tomar o seu próprio projeto literário naquilo que ele tem de mais significativo” (NOLASCO, 2003, p. 84). Ainda sobre a percepção biográfica e sua relação com as narrativas literárias, Silva aponta-nos:

Pensar nas marcas biográficas das narrativas literárias, não significa perdemo-nos na ilusão de que quem escreve está tal qual em seus escritos e que reciprocamente como num espelho seus escritos reflitam seu rosto. Pelo contrário, considerar o biográfico é pensar nas intrincadas teias que envolvem a constituição dos sujeitos e as sinuosidades sociais e históricas que o atravessam. (SILVA, 2009, p. 30)

Assim, os escritos podem ser vistos antes como “espelhos velados”, como na metáfora de Jorge Luís Borges (1987), onde as imagens aparecem às avessas, demudadas. Por meio de uma escrita biográfica, processo entendido como uma forma da autora elaborar sua escrita literária, presente desde seu livro de estreia, *Perto do Coração Selvagem* (1946); Clarice Lispector, ao pôr em prática seu projeto literário, inelutavelmente, atou vida e ficção (NOLASCO, 1999, 2003). De forma muito particular, a escritora não só fez sua vida cotidiana tema de sua escrita, como é o caso das crônicas publicadas no *Jornal do Brasil* entre agosto de 1967 e dezembro de 1973, depois compiladas em *A Descoberta do Mundo* (1984), mas tornou-se o próprio tema de suas ficções. Em suas próprias palavras: “Acho que se escrever sobre o problema da superprodução de café no Brasil terminarei sendo pessoal.” (LISPECTOR, 1999, p. 137).

Nos contos reunidos em *Felicidade Clandestina* (1971), podemos perceber os vestígios de sua experiência de vida presentes em suas ficções. Especificamente, no conto homônimo que dá título ao livro, podemos inferir um ponto de confluência entre a experiência rememorada pela narradora-personagem e a escritora: o gosto pela leitura, ou o desejo pelo o livro. Clarice, morou no Recife, capital de Pernambuco. Lá, ainda na infância, pôde experimentar o primeiro contato

com os livros, sobretudo, quando matricula-se no grupo escolar João Barbalho, onde teve acesso as primeiras histórias infantis (a do patinho feio e a da lâmpada de Aladim), o que desperta sua avidez pela leitura (FANINI, 2006). Nessa perspectiva, sua escrita adquire o *status* de biográfica ao mesmo tempo em que se inscreve no ficcional. Mesmo quando se refere diretamente ao “vivido”, está atravessada pelo desejo pessoal que a impele em direção ao que “poderia ter acontecido”, num “como se fosse” a realidade (NOLASCO, 2003).

Para Clarice Lispector, a palavra era considerada o motivo de todas as coisas, de toda a criação. Quando sobrepunha o vivido ao ficcional, através das reminiscências de sua infância, “passando a limpo” suas experiências pessoais, era também uma forma de ficcionalizar-se. Benjamin Moser, ao biografá-la, aponta-nos como a fabulação era uma atividade presente e constante na vida da escritora. Vejamos:

O hábito que ela adquiriu na primeira infância, de brincar com as palavras e contar histórias para alcançar o resultado milagroso, permaneceu. Meio século depois, quando Clarice Lispector, ela própria consumida por uma doença terminal, deixou sua casa pela última vez, recorreu à mesma tática. “Faz de conta que a gente não está indo para o hospital, que eu não estou doente e que nós estamos indo para Paris”. Sua amiga Olga Borelli se recorda de ouvi-la dizer num táxi a caminho do hospital. (MOSER, 2011, p. 116 – 117)

Através de sua escrita, Clarice multiplicava-se em suas histórias, tecendo suas ficções através do biográfico. Algumas de suas personagens trazem consigo marcas da própria experiência de vida de Clarice, de sua infância na capital pernambucana. A menina no conto “Restos do Carnaval”, em pé à porta da escada do sobrado onde morava, olhando com ardor os outros se divertirem, economizando com avareza as preciosidades que ganhava para utilizar durante os três dias de folia: um lança-perfume e um saco de confetes; era ela mesma, a própria Clarice.

Sua infância no Recife foi marcada pela visão da mãe paralisada numa cadeira de balanço, incapaz de se mover e de falar, definhando aos poucos. Talvez essa fosse a impressão que Clarice carregou em toda a sua infância e também durante sua vida. No conto, a alegria da menina é furtada pelo passamento que a mãe tem justamente durante a festa:

Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruge – minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa (...) Quando horas depois a atmosfera em casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim. (...) Na minha fome de sentir êxtase, às vezes começava a ficar alegre, mas com remorso lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria. (LISPECTOR, 1998, p. 25-28)

No universo ficcional engendrado por Clarice Lispector, percebemos as marcas das reapropriações da realidade à sua volta, de sua experiência de vida, transpostos em discursos literários. Nesse sentido, a vida para a escritora passa a ser ficção. A escrita seria essa retomada constante da vida. Seu processo criativo é continuamente atravessado por esses dois fluxos narrativos, o da experiência social e o propriamente ficcional, aquilo que “poderia ter acontecido” num outro estado de coisas. Por conseguinte, ao se sobreporem, confundem-se a tal ponto, que põem em crise os limites demarcados entre a realidade e a ficção. As histórias pessoais de Clarice Lispector servem de matéria-prima para a elaboração de seu mundo possível ou ficcional, do mesmo modo como o ficcional acaba por ser um lugar onde a escritora se projete, embora de forma fugidia e caleidoscópica. Levar-se-á em consideração que em sua maioria, as personagens clariceanas são mulheres, e talvez seus desenhos possam revelar pedaços para compor um possível mosaico que esboce, ainda que fugaz, seu (auto) retrato, composto por trajetos, sobretudo, de sensações diante de sua existência.

Referências

- BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escrita*. Lisboa - Portugal: Edições 70, 2006.
- _____. *O Prazer do Texto*. 5ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.
- BORGES, Jorge Luis. Os Espelhos Velados. In: *O Façedor*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
- FANINI, Michel Asmar. *As confluências entre experiência social e produção literária: notas para uma sociologia da escrita de Clarice Lispector*.
- Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index/neguem/article/view/19/12>>. Acesso em 25 nov de 2012.
- FOUCAULT, Michel. “Linguagem e Literatura”. In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. O que é um autor? [1969]. *Ditos e Escritos. III. Estética: literatura, e pintura, música e cinema; organização e seleção de textos*. Manoel Barros da Motta. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- _____. “Os Papéis de Aspern”: anotações para um debate. In: *História de vida: biografias e trajetórias/ Suely Kofes (org)*. Campinas-SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004. (Cadernos do IFCH; 31).
- LISPECTOR, Clarice. *Um Sopro de Vida*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999a.
- _____. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999b.
- _____. *A Hora da Estrela*, Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MACHADO, Roberto. A morte. In: *Foucault, a filosofia e a literatura*. 2º. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Cosac Naif, 2011.

NOLASCO, Edgar César. *Restos de Ficção: A criação biográfico-literária de Clarice Lispector*. 2003. 245 f. Tese. (Doutorado em Literatura Comparada) Programa de Pós- Graduação em Letras – Estudos Literários. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

_____. *A Escrita biográfica de Clarice*.

Disponível em:
<<http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/edgar/A%20escrita%20biografica.pdf>>. Acesso em 10 Agosto 2013.

SILVA, Cristina Maria da. *Rastros das Socialidades: Conversações com João Gilberto Noll e Luiz Ruffato*. 2009. 308 f. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2009.

SOUSA, Ilza Matias de. “Perto do coração selvagem”. Uma cartografia das singularidades selvagens à luz de Michel Foucault. In: *Cartografias de Foucault*. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Alfredo Veiga-Neto, Alípio de Souza Filho (Org). –Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.- (Coleção Estudos Foucaultianos).

Cristina Maria da Silva

Doutora em Ciências Sociais (Unicamp). Professora Adjunta no Departamento de Ciências Sociais da UFC. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Rastros Urbanos- CNPq.
<http://plsql1.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0089702DPY6F9J>
E-mail: crimasbr@yahoo.com.br

Bruno Duarte Nascimento

Pesquisador no Curso de Graduação em Ciências Sociais UFC.
Membro do Grupo Rastros Urbanos- CNPq.
E-mail: brunoduartenascimento@gmail.com

Recebido em 30 de dezembro de 2013.

Aceito em 30 de junho de 2014.